

ANÁLISE DA RELAÇÃO: OBESIDADE E ESTILO DE VIDA EM ACADÊMICOS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA

Dayane Otero Rodrigues¹, Délio Guerra Drummond Júnior²
Simara Stéfane Alves da Rocha Moreira³, Taise Alves dos Santos Bomfim³

RESUMO

A obesidade é uma doença crônica caracterizada pelo acúmulo excessivo de tecido adiposo no organismo. Essa doença se intensificou recentemente dado à pandemia do coronavírus, que desencadeou um isolamento social impactando o estilo de vida da população, incluindo a universitária. Objetivou-se entender a relação entre sobrepeso/obesidade e estilo de vida, incluindo hábitos alimentares inadequados e presença de doenças crônicas nos estudantes dos cursos da área da saúde da Universidade Federal do Oeste da Bahia no período pós pandemia da COVID-19. Este estudo teve caráter descritivo, transversal, quantitativo, com aplicação de questionários validados sobre o hábito alimentar dos estudantes, com perguntas referentes ao estado de saúde e rotina dos acadêmicos, e ainda foram realizadas as aferições das medidas antropométricas dos participantes. Do total de 184 acadêmicos avaliados, observou-se uma prevalência de 27,71% de sobrepeso ou obesidade. Observou-se uma maior média de idade, uma maior presença de sedentarismo e de estresse no grupo de estudantes obesos e com sobrepeso (com diferença estatística). O estudo comprovou uma alta prevalência de obesidade e sobrepeso entre os acadêmicos da área da Saúde da Universidade Federal do Oeste da Bahia, uma das novas universidades federais brasileiras, situada no oeste da Bahia. Fatores como maior idade, presença de sedentarismo e estresse foram variáveis significantes para o desenvolvimento da obesidade e sobrepeso entre os acadêmicos, e devem ser avaliados com maior rigor no planejamento da política institucional de assistência estudantil e de ações afirmativas desta Universidade, servindo de modelo para outras universidades interioranas e recém-criadas no Brasil.

Palavras-chave: Obesidade. Estudante. Estilo de vida. Comportamento alimentar.

ABSTRACT

Analysis of the relation: obesity and lifestyle in academics at a brazilian public university

Obesity is a chronic disease characterized by the excessive accumulation of adipose tissue in the body. This disease has intensified recently due to the coronavirus pandemic, which triggered social isolation, impacting the lifestyle of the population, including university students. The objective was to understand the relationship between overweight/obesity and lifestyle, including inadequate eating habits and the presence of chronic diseases in students of health courses at the Federal University of Western Bahia in the post-COVID-19 pandemic period. This study was descriptive, cross-sectional, quantitative, with the application of validated questionnaires on the eating habits of students, with questions regarding the health status and routine of students, and measurements of the participants' anthropometric measurements were also carried out. Of the total of 184 students evaluated, a prevalence of 27.71% of overweight or obesity was observed. A higher average age, a greater presence of sedentary lifestyle and stress were observed in the group of obese and overweight students (with a statistical difference). The study confirmed a high prevalence of obesity and overweight among health students at the Federal University of Western Bahia, one of the new Brazilian federal universities, located in western Bahia. Factors such as older age, presence of a sedentary lifestyle and stress were significant variables for the development of obesity and overweight among academics, and should be evaluated more rigorously in planning the institutional policy for student assistance and affirmative actions at this University, serving as a model for other universities in the interior and recently created in Brazil.

Key words: Obesity. Student. Lifestyle. Eating behavior.

INTRODUÇÃO

O sobrepeso e obesidade são definidos como o acúmulo anormal e excessivo de gordura corporal e no caso da obesidade pode representar risco à saúde (WHO, 2020).

Dados recentemente publicados na revista *The Lancet* (NCD Risk Factor Collaboration, 2024) e divulgados pela WHO (2024) indicam que em 2022, 1 em cada 8 pessoas no mundo apresentavam obesidade, totalizando mais de 1 bilhão de pessoas no mundo obesas.

A obesidade entre adultos mais que dobrou desde 1990, e quadruplicou entre crianças e adolescentes (5 a 19 anos de idade). Os dados também mostram que 43% dos adultos estavam acima do peso em 2022.

A obesidade é uma doença crônica e multifatorial, e fatores sociais, culturais, genéticos e metabólicos podem influenciar os hábitos de vida da população (WHO, 2020), sendo que o excesso de gordura abdominal é um dos atributos ligado as condições clínicas que compõem a chamada síndrome metabólica (SM), aumentando as chances do desenvolvimento de problemas de saúde como acidentes vasculares, doenças cardiovasculares e diabetes mellitus, e quando presente em pacientes cardiopatas é associada a alta morbimortalidade e pior prognóstico (Abeso, 2016; Chillce e colaboradores, 2022).

Diante disso é de suma importância destacar outro fator que contribui para o aumento dos índices globais de obesidade, que é a mudança de hábitos alimentares, que vem ocorrendo no mundo moderno e a redução da prática de atividades físicas. Observa-se a substituição de alimentos in natura e com melhor valor nutricional como frutas, legumes, verduras e vegetais por alimentos ultraprocessados, altamente calóricos e carentes nutricionalmente como os alimentos industrializados, fontes de sódio, aditivos e com alta densidade calórica (Chillce e colaboradores, 2022; Melo e colaboradores, 2023).

Esse padrão de mudança alimentar pode ser observado principalmente em jovens, sobretudo em idade universitária, que ingressam no ensino superior (Sinigaglia, Silva, Pereira, 2024).

Acentuando-se o problema, destacamos o surgimento da pandemia provocada pelo SARS-CoV 2 (novo coronavírus), notificada em março de 2020 pela

Organização mundial de Saúde (OMS), que obrigou a implementação de medidas de contenção do vírus como frequente higienização das mãos, uso de máscaras e principalmente o distanciamento social (Ministério da Saúde, 2020), culminando em mudanças drásticas e repentinas no cotidiano da vida dos brasileiros (Betti e colaboradores, 2023).

Fatores como os sociais, financeiros e psicológicos foram afetados, e sintomas relacionados à depressão, preocupação, ansiedade e estresse contribuíram durante a pandemia para um maior consumo de alimentos ultraprocessados, facilmente ofertados pelos serviços de delivery, favorecendo o crescimento do sobrepeso e obesidade da população, sobretudo a universitária (Soares e colaboradores, 2023; Forestieri e colaboradores, 2023).

Os universitários apresentam-se em vulnerabilidade emocional com mudanças dramáticas no apetite, húnus, estresse e depressão devido as condições sociais atuais (Vieira e colaboradores, 2020).

E pesquisas aprofundadas sobre esse tema são de extrema relevância, com o intuito de analisar o impacto da pandemia no ganho de peso, hábitos alimentares e atividade física dos universitários (Vieira e colaboradores, 2020).

Assim, objetivou-se entender a relação entre o sobrepeso/obesidade e estilo de vida, incluindo hábitos alimentares inadequados e presença de doenças crônicas não transmissíveis nos estudantes dos cursos da área da saúde da Universidade Federal do Oeste da Bahia no período pós pandemia da COVID-19.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo teve caráter descritivo, transversal, de abordagem quantitativa, com uma fase de pesquisa bibliográfica em diferentes bases de dados e uma segunda de pesquisa de campo, quando foram coletados dados sobre a rotina e os hábitos alimentares dos estudantes dos cursos da área de saúde da Universidade Federal do Oeste da Bahia, além da aferição das medidas antropométricas deles.

Para a pesquisa bibliográfica foram incluídos estudos publicados nos últimos 10 anos, que abordassem temas relacionados à obesidade e avaliassem a correlação entre o

consumo exacerbado de alimentos ultra processados e hábitos de vida inadequados com o aumento da obesidade entre os jovens, sobretudo universitários.

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), no campus Reitor Edgar Santos, situado na cidade de Barreiras-BA. A UFOB foi criada pela Lei Nº 12.825, de 5 de junho de 2013, a partir de um desmembramento do Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (ICADS) da Universidade Federal da Bahia. O campus Reitor Edgar Santos conta com 22 cursos de graduação, sendo quatro vinculados ao Centro das Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS).

A população de acadêmicos dos cursos da área da saúde do CCBS são: Medicina: Internato (119), Clínico (139), Básico (104), Nutrição (266) e Farmácia (252).

Desse universo, o número amostral analisado foi de 46 estudantes de medicina (exclui-se o grupo do internato), 71 de nutrição e 67 de farmácia, totalizando 184 estudantes, baseado no teste de aproximação normal, tendência Gaussiana.

Os acadêmicos foram convidados a participarem do estudo e os que concordaram, assinaram o termo de consentimento, livre e esclarecido (TCLE), seguindo-se a aplicação de um questionário sobre o estilo de vida e coleta dos dados antropométricos.

Para a coleta de dados sobre os hábitos alimentares foi aplicado um questionário de consumo alimentar (QCA), adaptado do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional do Ministério da Saúde (SISVAN WEB) (Ministério da Saúde, 2018).

Para avaliação dos hábitos alimentares foi adotado o Guia de Orientações para avaliação de marcadores de consumo alimentar (Ministério da Saúde, 2015), através de um recordatório de 24 horas que investiga a ingestão de feijão, frutas, verduras/legumes, embutidos, salgados/biscoitos, bebidas açucaradas, doces em geral, hábito de ter as refeições em frente à televisão/ celular/ computador e quantidade de refeições realizadas por dia.

Para a coleta de dados sobre hábitos de vida foi aplicado um questionário direcionado à avaliação da presença dos sinais, sintomas e doenças relacionadas a obesidade e sobrepeso (como estresse, ansiedade, insônia) e a prática de atividade física foi avaliada utilizando como referência as

diretrizes da Organização Mundial da Saúde, que consideram mínimo de 150 minutos de atividade moderada por semana ou 75 minutos de atividade vigorosa no mesmo período, a fim de evitar DCNT e fraturas ósseas, além de auxiliar na manutenção de peso e estado nutricional (WHO, 2011).

Seguindo-se, as medidas antropométricas peso, altura, dobras e circunferências foram aferidas com a utilização de um adipômetro, fita métrica e uma balança mecânica (Filizola) que suporta 150kg, em um horário adequado e sala reservada na Universidade com auxílio de estudantes do Curso de Nutrição. Todos esses materiais foram disponibilizados pela UFOB. Posteriormente à realização dessa aferição de medidas foi calculado o Índice de Massa Corporal (IMC).

Todos os dados coletados foram tabulados e agrupados no programa Excel por grupos de faixa etária, etnia e sexo, e foram submetidos aos cálculos das medidas de posição e dispersão, como a média, mediana, desvio padrão, e amplitude das variáveis, bem como cálculo de frequência e prevalência.

Os dados coletados foram analisados utilizando-se os testes estatísticos qui-quadrado para dados categóricos e t de Student para os quantitativos. A média dos casos de obesidade entre os grupos foi analisada através do teste t de Student, realizando a comparação da prevalência entre os grupos. A análise entre a presença de obesidade e os fatores de risco e características relacionadas ao participante foi realizada através do teste qui-quadrado.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade Federal do Oeste da Bahia, com o parecer número: 5.671.927.

Resultados

Após a aferição das medidas antropométricas e o cálculo do indicador Índice de Massa Corpórea (IMC), do total de 184 estudantes analisados, observou-se que a maioria (65,8%) foram enquadrados como eutróficos, representando o estado nutricional adequado. Entretanto, 27,7% apresentaram sobrepeso ou obesidade, conforme tabela 1.

Dos 51 acadêmicos com sobrepeso ou obesidade, em 49 foi possível resgatar as características demográficas e hábitos de vida para comparação aos 131 acadêmicos eutróficos ou com baixo peso. Observou-se uma maior média de idade, presença de

sedentarismo e de estresse no grupo de estudantes com sobrepeso ou obesidade ($p \leq 0,05$). Houve predomínio do gênero feminino e de hábitos alimentares adequados nos dois grupos, e destaque para presença de

DCNT no grupo sobrepeso ou obesidade ($p > 0,05$) (Tabela 2).

Tabela 1 - Perfil nutricional de acadêmicos de cursos da área da Saúde da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB-BA), 2023.

Indicadores antropométricos	n(%)
IMC/idade	
Baixo peso	12 (6,5%)
Eutrófico	121 (65,8%)
Sobrepeso	38 (20,6%)
Obeso	13 (7,1%)
Total	184 (100%)

Índice de Massa Corpórea.

Tabela 2 - Aspectos sociodemográficos e hábitos de vida de acadêmicos dos cursos da área da Saúde da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB-BA), 2023.

Variáveis	Estudantes com sobrepeso ou obesidade (49) n (%)	Estudantes eutróficos ou com baixo peso (131) n (%)	p
Faixa etária (média em anos)	(23,6)	(22,9)	0,04782*
Gênero			
Feminino	29(59,2%)	94(71,7%)	0,1516
Masculino	20(40,8%)	37(28,2%)	0,1516
Hábitos alimentares adequados			
Sim	38(77,5%)	99(75,6%)	0,9357
Não	11(22,5%)	32(24,4%)	0,9357
Presença de sedentarismo			
Sim	24(49,0%)	40(30,5%)	0,03349*
Não	25(51,0%)	90(68,7%)	0,04297
Presença de estresse			
Sim	5(10,20%)	3(2,3%)	0,05916*
Não	44(89,8%)	128(97,7%)	0,05916
Presença de DCNT**			
Sim	2(4,1 %)	0	0,1269
Não	47(95,9%)	131(100,0%)	0,1269

*Valores de p menores que 0,05 (5%) implica que há diferença significativa entre os estratos. Teste para diferença entre proporções a 5% de significância utilizando o software estatístico R-gui. ** Doenças Crônicas não transmissíveis

DISCUSSÃO

A epidemia do sobrepeso e obesidade no Brasil vem aumentando rapidamente ao longo do tempo. Segundo dados recentes (Nilson, Rezende, Camargo, 2024), até 2030, as prevalências projetadas são estimadas em 68,1% para excesso de peso e 29,6% para obesidade, representando encargos econômicos para o país, considerando-se as comorbidades relacionadas.

Estimativas apontam 10,9 milhões de novos casos e 1,2 milhões de mortes atribuíveis

ao sobrepeso e à obesidade nos próximos 20 anos. Este cenário assustador abrange inclusive estudantes universitários, que podem se apresentar vulneráveis a mudanças alimentares por vários fatores como a perda da convivência familiar e alteração de suas rotinas.

O ingresso à universidade pode então exercer influências sobre o estilo de vida e comportamento alimentar dos jovens (Sinigaglia, Silva, Alves, 2024).

Dado à relevância do assunto, a literatura científica vem se preocupando em identificar o padrão de consumo,

comportamento alimentar e estado nutricional de estudantes universitários (Brandão e Cunha, 2012; Cafure e colaboradores, 2018; Melo e colaboradores, 2023; Sinigaglia, Silva, Alves, 2024), assim como nosso estudo, que objetivou entender a relação entre o sobrepeso/obesidade e estilo de vida, incluindo hábitos alimentares inadequados e presença de doenças crônicas não transmissíveis nos estudantes dos cursos da área da saúde da Universidade Federal do Oeste da Bahia no período pós pandemia da COVID-19.

Nosso estudo apontou uma alta taxa de prevalência de obesidade (7,1%) comparada aos dados de prevalência de obesidade (1,4%) de Brandão e Cunha (2012) em uma população de estudantes de Medicina de uma faculdade privada em Vitória-ES.

Entretanto encontramos resultados de taxas de sobrepeso e obesidade (20,6% e 7,1%), respectivamente, similares aos encontrados (26,4% para sobrepeso e 7,8% para obesidade) pelo grupo de pesquisadores do Mato Grosso do Sul (Cafure e colaboradores, 2018) em outra Universidade privada de Medicina, demonstrando que o problema perpassa à manutenção institucional e localização geográfica da instituição e esboça a necessidade de implementação de políticas institucionais mais abrangentes que as atuais, voltadas à assistência estudantil, como orientação nutricional, construção de espaços recreativos, disponibilidade de apoio psicológico, até mesmo uma parceria com as cantinas das Universidades, incentivando a oferta de alimentos mais saudáveis e menos calóricos.

No caso de cursos de período integral, como os envolvidos em nossa pesquisa, em que a maioria dos estudantes permanecem na universidade e realizam suas refeições no local, apesar da existência de um restaurante universitário na UFOB, facilitador de uma alimentação balanceada, outras opções alimentares mais saudáveis ofertadas pela cantina seriam importantes para a qualidade de vida e saúde dos estudantes.

Na tabela 2 encontramos os resultados das variáveis média de maior idade, presença de sedentarismo e de estresse como significantes ao desenvolvimento de sobrepeso e obesidade, corroborando com dados nacionais (Barros e colaboradores, 2021), que observaram uma relação entre o tempo sentado do acadêmico e chance em triplicata de apresentar obesidade.

Dentre as conclusões dos autores, destaca-se que o tempo sedentário acarreta diversos prejuízos à saúde dos universitários, seja com a obesidade ou outras comorbidades.

O sedentarismo também foi uma variável importante encontrada na pesquisa realizada na Universidade Federal de São Paulo do Campus Baixada Santista (Sinigaglia, Silva, Alves, 2024).

Os pesquisadores observaram presença de sedentarismo na maioria (52,46%, 67,22% e 60,6%) das 1ª, 2ª e 3ª avaliações, respectivamente, realizadas em seu estudo com universitários.

Nossos dados demonstram que a manutenção de atividades físicas é dificultada na vida acadêmica dos universitários, podendo influenciar o desenvolvimento do sobrepeso ou obesidade, e pode estar relacionada ao curriculum sobrecarregado dos acadêmicos dos cursos da área da saúde, uma vez que os cursos de Medicina, Farmácia e Nutrição apresentam uma extensa grade curricular. Sugere-se que sejam repensadas estratégias de intervalos com mais tempo entre as aulas e sejam estimuladas a prática de caminhadas no próprio campus universitário.

Em nosso estudo, a variável maior média de idade se destacou ($p < 0,05$) no grupo dos universitários com sobrepeso ou obesidade, acompanhando os dados do estudo nacional epidemiológico para a Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel) (Ministério da Saúde, 2008) com população em geral.

Esse estudo nacional identificou que na população com idade entre 18 e 24 anos, 37,3% dos homens e 24,9% das mulheres apresentavam excesso de peso. Já entre os adultos de 25 a 34 anos, o percentual de excesso de peso atingiu 48,9% e 36% de homens e mulheres, respectivamente. Sabe-se que o decorrer da idade favorece a perda de massa magra e aumento de tecido adiposo, além disso, a redução de atividades de maior gasto energético pode ocasionar o excesso de peso. Nossos achados também corroboram aos de autores Goianos (Peixoto e colaboradores, 2017) que observaram um maior ganho de peso (55,7%) em adultos de 50 a 59 anos comparando-se ao ganho de peso (27,8%) de adultos mais jovens (30 a 39 anos).

O grande número de atividades acadêmicas e extracurriculares sobrecarrega de maneira negativa e altera os hábitos de vida

de estudantes da área da saúde. Em razão de tamanha carga horária com alta exigência de rendimento e dedicação, os estudantes podem desenvolver fatores de risco para ganho de peso, tais como inatividade física e transtornos comportamentais de ansiedade e estresse (Mota e colaboradores, 2012; Smolka e colaboradores, 2014).

A presença de estresse também foi significativa em nossa investigação, (10,20% x 2,3%) no grupo dos universitários com sobrepeso ou obesidade versus no dos eutróficos ou com baixo peso, respectivamente.

Dessa forma, fica claro que o estado nutricional está associado ao estresse percebido pelos universitários, e este estudo pode contribuir como alerta aos gestores da Instituição de Ensino Superior e aos próprios universitários no que tange à preocupação com a problemática do ganho de peso e adoção de estratégias de prevenção e/ou minimização do estresse percebido, promoção de saúde e alimentação adequada e saudável.

Este estudo apresentou algumas limitações como a natureza transversal do estudo que não permitiu acompanhar as variações no peso no decorrer da graduação. Além disto, a amostra estudada permite inferências apenas para a população estudada uma vez que o número amostral foi outra limitação deste estudo.

Sugere-se que sejam continuadas novas pesquisas que abordem os hábitos alimentares, estilo de vida, presença de doenças crônicas e histórico familiar da população universitária de outros cursos da UFOB e outras instituições educacionais do Oeste da Bahia, envolvendo um maior número amostral, já que estudos mais abrangentes poderão gerar resultados mais robustos para subsidiar as tomadas de decisões institucionais, implementando ações que melhorem os hábitos alimentares e promovam a prática de atividade física dos acadêmicos.

Conclusão
É de suma importância realçar que a obesidade é um sério problema de saúde pública e foi constatada em níveis significativos nos universitários da área da saúde da Universidade Federal do Oeste da Bahia, podendo estar relacionada à presença de maior média de idade, sedentarismo e estresse percebido pelos acadêmicos.

São vários os fatores no ambiente acadêmico que podem contribuir com a prática insuficiente de atividade física e presença de

estresse, como a sobrecarga curricular dos cursos integrais da área da saúde, além da própria oferta alimentar das cantinas, que podem limitar a ingestão de alimentos saudáveis.

É fundamental para o presente e futuro próximo que os gestores da universidade e de outras instituições educacionais repensem suas políticas institucionais e se debrucem sobre as demandas dos universitários, propiciando ofertares alimentares mais saudáveis, espaços para a prática regular de atividade física e apoio psicológico, além do incentivo à orientação acadêmica, que possibilita programar a grade curricular do estudante evitando as sobrecargas e estresse, particularmente aos acadêmicos da área da saúde, que foram o foco de nossa investigação.

REFERÊNCIAS

- 1-ABESO. Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica. Diretrizes brasileiras de obesidade. 4ª Edição. São Paulo. 2016. Disponível em <https://abeso.org.br/wp-content/uploads/2019/12/Diretrizes-Download-Diretrizes-Brasileiras-de-Obesidade-2016.pdf>
- 2-Barros, G.R.; Santos, S.F.S.; Andaki, A.C.R.; Sousa, T.F. Sobrepeso e obesidade em universitários: prevalências e fatores associados. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde. Vol. 26. 2021.e0225.
- 3-Betti, A.C.M.; Folha, D.R.S.C.; Della barba, P. C.S. Repercussões do distanciamento social nas rotinas e ocupações infantis durante a pandemia da COVID-19. Revista Sustinere. Vol. 11. Num. 1. 2023. p. 327-342.
- 4-Brandão, C.D.G.; Cunha, F.G.C. Obesidade e fatores de risco associados em alunos de medicina de uma faculdade privada de Vitória-ES. Rev. Assoc. Bras. Nutr. Vol.4. Num.5. 2012. p. 22-28.
- 5-Cafure, F.; Schmidt, J.; Duré L.S.; Furbeta, P.H.; Moraes, R.; Arruda, R.; Gaban, S. Prevalência de excesso de peso e obesidade central em acadêmicos do curso de medicina da universidade Uniderp. Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento. São Paulo. Vol.12. Num.69. 2018. p.94-100.

6-Chillcce, K. A. S.; Souza, A. B. P. D.E; Magalhães, A. C.; Siqueira, A. S.; Bassoli, B. K. Síndrome metabólica em pacientes atendidos em um ambulatório de cardiologia em Boa Vista-RR. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*. São Paulo. Vol. 14. Num. 90. 2022. p. 1130-1138.

7-Forestieri, E.B.F.; Arossi, G.A.; Santos, A.M.V. Hábitos alimentares durante a pandemia de covid-19: uma revisão da literatura. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*. São Paulo. Vol. 17. Num. 107. 2023. p. 223-232.

8-Melo, B.F.; Mendes, R.C.M.; Vasconcelos, T. M.; Arruda, S.P.M.; Bezerra, I. N. Influência do comportamento alimentar no consumo de alimentos ultraprocessados em jovens universitários. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*. São Paulo. Vol. 17. Num. 110. 2023. p. 556-564.

9-Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico-Vigitel Brasil. Brasília-DF. 2008.

10-Ministério da Saúde. Orientações para Avaliação de Marcadores de Consumo Alimentar na Atenção Básica. Brasília. 2015.

11-Ministério da Saúde. Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional - SISVAN. Marcadores de consumo alimentar. 2018.

12-Ministério da Saúde. Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo novo Coronavírus COVID-19. Brasília. 2020.

13-Mota, M. C.; Souza, D.A.; Melo, M.T.; Tufik, S.; Crispim, C.A. Estilo de vida e formação médica: impacto sobre o perfil nutricional. *Revista Brasileira de Educação Médica*. Vol. 36. Num. 3. 2012. p. 358-368.

14-NCD Risk Factor Collaboration (NCD-RisC). Worldwide trends in underweight and obesity from 1990 to 2022: a pooled analysis of 3663 population representative studies with 222 million children, adolescents, and adults. *The Lancet*. Num. 403. 2024. p.1027-50.

15-Nilson, E.A.F.; Rezende, L.F.M.; Camargo, J.M. Incident cases and deaths attributable to

overweight and obesity in Brazil until 2044. Congresso Internacional sobre Obesidade (ICO 2024), organizado pela World Obesity Federation (WOF), em parceria com a Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade (ABESO). Junho 2024.

16-Peixoto, M.R.G.; Cordeiro, M.M.; Ferreira, V.R.; Cardoso, C.K.S.; Crispim, P.A.A. Ganho de peso na vida adulta: preditor da hipertensão arterial? *Cad. Saúde Colet*. Vol.25. Num.1. 2017. p.58-64.

17-Sinigaglia, A.C.; Silva, L.T.D.A.; Pereira, C.C.A. Adaptação ao ambiente universitário impacta o consumo alimentar e estado nutricional dos estudantes ingressantes. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*. São Paulo. Vol. 18. Num. 113. 2024. p. 285-299.

18-Soares, W.D.; Freitas, A.F.S.A.; Macedo, I.L.B.; Fonseca, A.A. Influência da pandemia de covid-19 nos hábitos alimentares e estilo de vida. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*. São Paulo. Vol. 16. Num. 104. 2023. p. 948-959.

19-Smolka, M.L.R.M.; Gomes, A.P.; Siqueira-Batista, R. Autonomia no contexto pedagógico: percepção de estudantes de medicina acerca da aprendizagem baseada em problemas. *Revista Brasileira de Educação Médica*. Vol. 38. Num. 1. 2014. p. 5-14.

20-Vieira, K.M.; Postiglioni, G.F.; Donaduzzi, G.; Porto, C.S.; Klein, L.L. Vida de estudante durante a pandemia: isolamento social, ensino remoto e satisfação com a vida. *EaD em Foco*. Vol. 10. Num. 3, 2020. p. e1147.

21-WHO. World Health Organization. Global recommendations on physical activity for health: 18-64 years old. 2011.

22-WHO. World health organization. Obesity: preventing and managing the global epidemic: report of a WHO consultation. Geneva: WHO, 2020. (WHO Technical Report Series, 894).

23-WHO. World Health Organization. <https://www.who.int/news/item/01-03-2024-one-in-eight-people-are-now-living-with-obesity> 2024.

CONFLITO DE INTERESSE

Sem conflitos de interesses.

1 - Centro das Ciências Biológicas e da Saúde,
Universidade Federal do Oeste da Bahia,
Barreiras, Bahia, Brasil.

2 - Universidade Federal do Oeste da Bahia,
Curso de Medicina, Centro das Ciências
Biológicas e da Saúde, Barreiras, Bahia, Brasil.

3 - Universidade Federal do Oeste da Bahia,
Curso de Nutrição, Centro das Ciências
Biológicas e da Saúde, Barreiras, Bahia, Brasil.

Email dos autores:

dayane.rodrigues@ufob.edu.br

dedrummond42@gmail.com

simara.m4539@ufob.edu.br

taisealves.16@hotmail.com

Autor correspondente:

Dayane Otero Rodrigues

dayane.rodrigues@ufob.edu.br

Recebido para publicação em 08/09/2024

Aceito em 21/02/2025